



## GEORG SIMMEL E A EDUCAÇÃO COMO TRAGÉDIA

Rafael Ferreira Pureza de Oliveira<sup>1</sup>

Elson dos Santos Gomes Junior<sup>2</sup>

Marcos Felipe Medeiros de Souza<sup>3</sup>

### RESUMO

A modernidade se tornou tema em diversos autores. Na obra do filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918), foi como um pano de fundo de suas análises, principalmente, no que tange à mercantilização das relações humanas. Em sua obra principal “A Filosofia do Dinheiro”, Simmel esboça uma interpretação da modernidade como tragédia. Isto pelo fato de, nas mínimas relações, o homem ter atribuído um preço ou valor. Neste contexto, a análise se justifica por podermos pensar os efeitos da mercantilização sobre a educação e, logo, a educação como tragédia. Assim, o objetivo deste trabalho constitui-se na crítica simmeliana a uma modernidade que se fundou na produção e aquisição de riquezas e que, no entanto, abandonou a preocupação com o humano. O percurso metodológico foi realizado através da análise de algumas obras de Simmel que servem de referência para a temática proposta. E, como resultado de tal percurso, podemos concluir que o filósofo traz uma crítica incisiva a respeito do papel da educação na modernidade. De tal modo, quando problematizamos que educar envolve mais que elementos comercializáveis (conteúdos, técnicas e habilitações), encontramos em sua filosofia uma busca por uma condição de existência que contemple outras dimensões do existir humano. Logo, a educação deve-se pautar no desenvolvimento de tais instâncias do existir. Disto, podemos extrair uma orientação de valoração qualitativa no que concerne à educação, além disso, problematizamos a escola, as relações pedagógicas, o currículo entre outras instâncias educativas que sofrem com os efeitos apontados pela “filosofia do dinheiro”.

**Palavras-chave:** Georg Simmel, Educação, Modernidade.

### INTRODUÇÃO

A modernidade se tornou um tema que permeou os trabalhos de diversos autores nas Ciências Humanas. Na obra do filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918), foi como um pano de fundo de suas análises, principalmente, no que concerne à mercantilização das relações humanas. Em sua obra principal “A Filosofia do Dinheiro”, Simmel (2013)

---

<sup>1</sup> Doutorando do Curso de Humanidades e Artes com Menção em Ciências da Educação pela Universidade Nacional de Rosario – UNR, Professor do Instituto Federal Fluminense Campus Santo Antônio de Pádua, [rafael.pureza-oliveira@iff.edu.br](mailto:rafael.pureza-oliveira@iff.edu.br);

<sup>2</sup> Mestre pelo Curso de Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Professor do Instituto Federal Fluminense Campus Santo Antônio de Pádua, [elsonuenf@yahoo.com.br](mailto:elsonuenf@yahoo.com.br);

<sup>3</sup> Mestre pelo Curso de Modelagem Computacional em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF, Professor do Instituto Federal Fluminense Campus Santo Antônio de Pádua, [marcos.souza@iff.edu.br](mailto:marcos.souza@iff.edu.br);



esboça uma interpretação da modernidade como tragédia. Isto pelo fato de, nas mínimas relações, o homem ter atribuído um preço ou valor.

No que tange à Educação, essa atribuição nos leva a, pelo menos, dois caminhos analíticos. O primeiro refere-se à questão da quantificação e, como consequência, uma investigação do conceito de número. Considerando que este conceito é entendido superficialmente como correspondente quantitativo, temos um problema que envolve rever, não apenas a questão da quantificação na prática educativa, como também o uso limitado que tal conceituação tem sido aplicada. Nestes termos, podemos salientar que ela se distanciou das bases filosóficas dos chamados pré-socráticos, dentre estes, Pitágoras (570-495 a.C.), que creditou ao número a possibilidade de pensarmos conceitos como “unidade”, “dualidade”, “unidade da diferença”, “justiça”, entre outros (KRASTANOV, 2013).

O segundo caminho – e o que seguiremos – tange a problematização do conceito de valor que, em Simmel (2013), assume o compromisso de descortinar uma lente de concepção humana que se fez em tragédia. A condição de existência trágica foi um dos legados do mundo moderno burguês. O modo de produção capitalista trouxe uma concepção de relacionamento humano onde a perspectiva do lucro infiltrou-se nas relações humanas. Das mais complexas as mais simples, o mensurável passou a existir.

Neste contexto, as relações afetivas foram atingidas pelo racionalismo trágico, onde, até mesmo o amor, ganhou contornos capitalistas. Por exemplo, quem nunca ouviu a célebre frase dos pais aos filhos que diz: “você não tem razão para reclamar, te dou tudo do bom e do melhor”. Simmel (2005) nos alerta com sua filosofia que isso pode ser “verdade”, contudo, não passa de uma perspectiva “trágica”.

Diante do exposto, a tragédia simmeliana veio nos alertar de que as pessoas podem possuir todos os bens materiais possíveis, no entanto, se elas não dispuserem da afetividade, da religiosidade, do amor, da essência humana e dos motivos verdadeiramente importantes – do ponto de vista humanístico –, tudo não passa de uma terrível catástrofe existencial.

Essa perspectiva possui fundamentos na discussão kantiana entre essência e aparência. Foi nela que Simmel (2014) se pautou para o desenvolvimento de sua sociologia das formas. Esta propõe um estado constante de alerta, onde devemos nos preocupar com os conteúdos, e não apenas com as aparências.

Nesta perspectiva, retomando o exemplo dos pais que acham que dão “tudo do bom e do melhor”, Simmel (2005; 2014) nos alerta ao fato de que, no fundo, o conteúdo deste “dar”, está pautado sobre uma lógica trágica engendrada pelo pensamento moderno. Esta nos ensina que “formas” valem mais que conteúdos, que o dinheiro é um representante equivalente de



humanidade e que o elemento material é o referencial indiscutível para a felicidade, entre tantas outras coisas.

Nestes termos, este trabalho apresenta uma análise da educação a partir do conceito de “tragédia” na obra do filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel. De tal modo, problematizamos o processo educativo dialogando criticamente com a lógica mercantilista em que se baseia a sociedade burguesa e o modo de produção capitalista.

## **METODOLOGIA**

A metodologia usada foi pautada na análise crítica dos textos selecionados para a discussão da temática (SIMMEL, 2005; 2006 2013; 2015;). Além disso, foram utilizados autores considerados referências para complementar a investigação proposta neste trabalho. Neste sentido, a metodologia foi centrada na análise de cinco obras do escolhido autor, além de pesquisa bibliográfica.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Este trabalho faz uma análise relacionando educação com a concepção trágica de Georg Simmel. Para isso, se utiliza de suas obras principais a respeito do tema, ou seja, a análise contida em “Filosofia do Dinheiro”, onde Simmel (2013) traça um panorama da permeabilização das relações humanas através de uma lógica mercantilista de interação. Neste sentido, o referencial ético e de realização humana passou a ser profundamente abalado por este processo.

Este quadro é analisado em um momento histórico específico. Por isso, o conceito de “modernidade” importa como norteador nesta análise. Segundo Simmel (2005), a modernidade se caracteriza como uma tragédia da existência humana. O modo de vida burguês, industrial e capitalista, ao invés de ser tratado como ápice da civilização, é entendido por Simmel com tom de decadência. Dessa maneira, esta não se manifesta apenas em sentido material, mas, principalmente, em termos de “espírito”.

Desse modo, a humanidade caminhou para uma grande confusão existencial, onde, esta se caracteriza pela sua incapacidade de perceber a “essência” das coisas e, principalmente, do ser. De acordo com Simmel (2014), essa característica manifesta uma crise ontológica, uma vez que, em termos educativos, significa que as máquinas se tornaram mais inteligentes que as pessoas (SIMMEL, 2005). O avanço tecnológico e a conhecida



modernidade não carregaram consigo, tampouco com a mesma intensidade, o desenvolvimento humano.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Simmel e a Modernidade**

O conceito de modernidade possui nos “clássicos da sociologia” muitas interpretações. Enquanto ciência que se desenvolveu juntamente com a consolidação da sociedade burguesa moderna, este conceito encontra-se no cerne da formação da sociologia, incluindo autores clássicos e contemporâneos.

Segundo Marx (2013), a modernidade se iniciou com o processo de “acumulação primitiva de capital”. Neste sentido, no período das grandes navegações e, sem seguida, o mercantilismo, foram as bases do que se consolidou como mundo moderno. Logo, uma integração ocorreu no mundo conhecido de então, conectando povos, economias, interesses e relações políticas.

De acordo com Weber (1999), a modernidade se enquadra na consolidação de uma “racionalidade” burguesa. Para tanto, se evidenciou um tipo de dominação chamada por ele de “racional legal”. Desta forma, a modernidade se posicionou como alternativa de “estilo de vida” e de “ética”, contra a “dominação tradicional”. Portanto, a modernidade engendrou o impessoal, as relações sociais jurídicas e o elemento burocrático como forma de racionalização das atividades de gestão do público e, sobretudo, do Estado.

Em Durkheim (1999), na “divisão do trabalho social”, a modernidade foi apresentada como um alargamento do horizonte das relações sociais. Para o clássico francês, a sociedade caminhou de uma “solidariedade mecânica” para uma forma mais fluída, denominada por ele de “solidariedade orgânica”. Desta forma, houve uma multiplicação dos papéis sociais desenvolvidos na modernidade. Igualmente, esta foi uma marca da modernidade que nos impôs uma maior quantidade de “papéis sociais” a serem desempenhados. Por isso, foi cogitado o esfacelamento da sociedade, por conta de termos atingido um nível de especialização jamais visto.

Com Simmel (2005), a modernidade possui um caráter crítico peculiar. Ele está preocupado com o conteúdo humano e como, através de todas as mudanças engendradas pelo capitalismo, este poderia se afetado. Neste sentido, a modernidade para Simmel se apresenta como uma sinalização que aponta para o risco do declínio ontológico.



Segundo Simmel (2005, p.24), na antiguidade clássica a posse estava associada como “competência de uma personalidade”, onde os bens possuídos estavam conectados com o sentido da existência social e da construção do sujeito. Assim, possuir uma terra, por exemplo, significava um conjunto simbólico, de ancestralidade e de construção que envolvia o bem e a pessoa; quase que se confundiam.

No entanto, com o passar do tempo, a ideia de posse passou a se configurar como distanciamento entre a pessoa e o objeto. Para Simmel (2005), este distanciamento gerou uma lógica que abandonou o ideal de pertencimento para engendrar o ideal de acumulação como forma de distinção social.

Desta forma, o homem passou a se preocupar em acumular, sem com isso, se preocupar com o seu interior. A humanidade caminhou para uma desconexão com o conteúdo humano nutrido no sentido de “espírito”. Ou seja, essa lógica cultural passou a “libertar” o homem para que pudesse se (des) conectar ao maior número possível de coisas (bens materiais). Segundo Simmel (2013), esta lógica se aprofundou grandemente com a circulação da moeda, a subdivisão em valores cada vez menores onde, quase tudo, passou a possuir uma estimativa de valor (monetário).

Com a consolidação da sociedade Burguesa, essa acentuação chegou ao máximo. A equivalência de moeda em bens proporcionou ao homem se conectar ao dinheiro como uma espécie de moeda universal de troca (SIMMEL, 2005; 2013). Neste contexto, sua lógica passou a operar com vistas ao acúmulo de riquezas e a se dedicar com maior afinco às atividades que pudessem proporcionar esse fim.

Esta forma de cultivo externo de si conduziu a humanidade a uma racionalidade instrumental (SIMMEL, 2006), de tal modo, quando as pessoas estão se relacionando na modernidade burguesa, seus objetivos acabam sendo canalizados para a obtenção da moeda universal, o dinheiro. Isso criou um conflito ontológico para Simmel (2013).

Diante do exposto, este passou a existir de forma mais externa do que interna, onde sua preocupação passou a se referir ao cultivo da matéria, a posse do bem universal, o dinheiro. O sentido existencial, de autoconhecimento, de produção do saber, bens, lazer, felicidade, amor, tudo passou a ser afetado pela “filosofia do dinheiro” (SIMMEL, 2013). Dito isto, se observa uma orientação que tem tornado as máquinas mais inteligentes que o homem (SIMMEL, 2005). Para tanto, se verifica o fato de que, na busca pela maximização da riqueza, o homem moderno tem focado no mundo exterior e material. Por outro lado, tem deixado o cultivo de si em segundo plano.



## Simmel e a Sociologia das Formas

A base cultural moderna se tornou um importante ingrediente da sociologia e da filosofia simmeliana. Neste contexto, ele desenvolveu uma “sociologia das formas” (SIMMEL, 2014), com o objetivo de estabelecer um entendimento e uma orientação crítica a respeito das relações sociais na modernidade.

Em relação aos fundamentos desta sociologia, os estudos de Kant (SIMMEL, 2006) buscaram distingui-los entre forma e conteúdo. Simmel, mais do que se preocupar com a conceituação, se deteve igualmente na exploração sociológica das formas (2013). Neste sentido, abordou a arte, a moda, entre outros campos de constituição criativa humana.

Simmel entendeu que a sociedade acontece, justamente, pela infinita possibilidade de configuração do social. Nesta perspectiva, compreendeu-a como uma ligação que ultrapassa a dimensão física. A relação entre sociedade e indivíduo está presente mesmo que este esteja sozinho (SIMMEL, 2006). Assim,

Todos esses grandes sistemas de organização supraindividuais, aos quais se deve o conceito de sociedade, não passam de cristalizações – dados em uma extensão temporal e em uma imagem imaculada – de efeitos mútuos imediatos, vividos a cada hora e por toda uma existência, de indivíduo para indivíduo [...] Mas a sociedade, cuja vida se realiza em um fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem uns sobre os outros. A sociedade é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo, e que, de acordo com esse caráter fundamental, não se deveria falar de sociedade, mas de sociação (SIMMEL, 2006. p. 17-18).

Neste contexto, Simmel salienta a importância de nos atentarmos ao que está além das formas, das “cristalizações”. O seu olhar se direciona para as motivações, ou seja, o que faz com que as pessoas se voltem umas para as outras e, com isso, se tornem conectadas. Sua ideia de “sociação” (SIMMEL, 2006) se baseia exatamente nisto. Além do mais, nos remete a uma concepção de sociedade menos monolítica, portanto, mais plural no sentido motivacional da existência, nela, até mesmo o aspecto numérico de um agrupamento humano, pode influir nas relações e suas formas (SIMMEL, 1983).

Segundo Simmel (1983), grandes grupos sociais estabelecem estratégias de sociabilidade diferenciadas, em relação aos pequenos grupos. Por isso, o ser humano em Simmel é pensado, também, dentro de uma espécie de plasticidade sócio-interativa. Estas relações são fluídas e devem ser vistas dentro desta perspectiva de dinamismo, transformação, fluência, estratégias, ligações.



O que Simmel propôs em sua análise da modernidade foi um caminho alternativo as visões simplistas da sociedade industrial de produção em massa. A sociologia das formas entende que, no contexto moderno burguês e industrial, a humanidade se perdeu em uma lógica de concepção simplista (SIMMEL, 2005). Assim, sua análise é um importante instrumento de crítica a respeito das atuais condições de existência.

Sua sociologia das formas compreendeu o homem como ser de existência complexa. O fato de estar em sociedade e de viver no modo de produção industrial não significa, e não mesmo, que sua simples inserção em uma comunidade e a aquisição de um montante de capital para aquisição de bens, seja o suficiente. Isto “porque as necessidades humanas não podem ser racionalizadas da mesma maneira que a produção” (SIMMEL, 1983, p. 92).

Nestes termos, Simmel (2005) chama a atenção para os efeitos psíquicos da modernidade sobre as relações. Para ele a formação da vida econômica moderna afetou a maneira de como as pessoas se vêem. A humanidade na modernidade passou a ser pensada como equivalente aos objetivos da ordem econômica. Este último, como instrumento capaz de possibilitar trocas de caráter nivelador e universal, trouxe a sensação de que o desenvolvimento humano pode ser possível através de uma vida econômica de sucesso.

Desse modo, com essa crítica, Simmel tocou no cerne da questão, ou seja, tornou-se urgente a distinção entre forma e conteúdo. A humanidade, para o seu pleno desenvolvimento e conhecimento, necessita pensar a si mesma para além da lógica do dinheiro (SIMMEL, 2013). Simmel chama a atenção para o fato de haver um “equivalente monetário para os valores pessoais”. Esta equivalência se instalou nas relações jurídicas, educacionais, amorosas, religiosas, políticas, e tantas outras.

A consolidação desta “equivalência” contribuiu para um tipo de educação estética onde, em primeiro plano, a sociedade atual visualiza o elemento monetário universalizador. Somente depois, e quando isso acontece, se percebe que existem necessidades e conteúdos sem os quais a existência não pode ocorrer de forma plena. Por isso, sua insistência na distinção entre forma e conteúdo (SIMMEL, 2005; 2006).

### **Educação como Tragédia**

As bases de uma sociologia da educação cujo aparato conceitual seja capaz de identificar uma condição trágica foram, assim, desenvolvidas por Simmel em seus principais textos (SIMMEL, 1983; 2005; 2006; 2013; 2014). Dessa maneira, com sua preocupação em distinguir entre forma e conteúdo, valor humano e riqueza, modernidade e tragédia, podemos realizar, na perspectiva de fundamento, o papel da educação.



A modernidade em Simmel possui em sua constituição histórica, social e psicológica, uma lógica “monetarista” (SIMMEL, 2013). De tal modo, todas as nossas ações são desenvolvidas com vistas a um cálculo, cujo parâmetro, nos remete ao “quanto”; ou seja, o que iremos gastar e quanto iremos adquirir com determinados projetos. Esta lógica permeia profundamente o ideal de educação na modernidade.

Da Antiguidade aos nossos dias vimos um conjunto significativo de concepções educativas que marcaram a história da educação. Entre estas podemos citar a “Paidéia” (JEAGER, 2018), “humanitas” (PIMENTA, 2014) e a “Bildung” (MENZE, 1981). Estas são alguns dos conceitos que colocou o ser humano em um patamar próximo do que entendemos por “integralidade”.

No que concerne à educação nestas propostas, esta estava associada a uma preocupação entre o indivíduo e o social, em um ideal de pertencimento que ultrapassava os limites do individualismo extremo. Os estudos pertencentes à história da educação nos mostram esta disparidade em relação à educação moderna e seus pressupostos (CAMBI, 1999). De acordo com Simmel (2005; 2013), a desconexão do homem com a propriedade, alterou as motivações de sua educação.

Assim, quando pensamos em educação na atualidade, a lógica descrita na “filosofia do dinheiro” simmeliana, nos remete para “o quanto podemos ganhar”. Dos traços psicológicos tratados por Simmel (1983), essa é uma marca do cálculo moderno envolvendo as interações humanas. Mais do que isso, passou a envolver o cultivo do “ser” totalmente influenciado por esta “filosofia”.

A tragédia em Simmel (2005) se encontra presente em nosso cotidiano com os valores que atribuímos ao lazer, aos custos do consumo cultural, ao cálculo referente ao consumo de uma boa leitura e/ou de um curso de atualização, ao “desperdício” de aquisição de um novo conhecimento, de uma viagem, do tempo, enfim. Nossa humanidade engendrou uma existência dramática a partir da aquisição de um bem universal.

O paradoxo da existência trágica e, portando, de uma educação nestes termos, é que pensamos uma lógica de preparo que, na maioria das vezes, evoca a lógica da aquisição de riquezas. A tragédia se manifesta de forma profunda na depreciação ontológica; ou seja, na associação da vida a uma busca que não contribui, ao menos diretamente, para o desenvolvimento humano. A relação do indivíduo com a sociedade deve ser repensada (SIMMEL, 2006).

Segundo Simmel (2006), se não houver essa separação entre os interesses veiculados pelo social e os interesses individuais, o coletivo deteriora o indivíduo. Portanto, na





modernidade, antes de tudo, uma educação que resista aos imperativos trágicos deve ensinar a cada um o cultivo de si. Pois, grande parte dos anseios que circulam de forma massiva, acaba trazendo perspectivas generalizantes que não atendem ao autoconhecimento e a valorização de necessidades que se encontram no âmbito individual, da alma.

A forma de se posicionar contra esta força moderna que envolve o dinheiro e sua lógica é, justamente, uma tomada de consciência que valoriza o desenvolvimento humano para além desta lógica. Mais do que educar para uma profissão de retorno financeiro e/ou de prestígio social, temos que educar para o desenvolvimento humano. Uma nova ontologia que favorece a valorização do conteúdo (SIMMEL, 2014) em detrimento da forma.

Em Simmel (2005) essa tomada de consciência aponta para uma nova “libertação”. A primeira liberou o homem de sua dependência material para que, através do dinheiro, pudesse “estocar” seus esforços e, com isso, realizar novas ações em seu benefício. A segunda libertação é interior. Ela envolve uma tomada de consciência que nos oriente para o importa para nossa existência equilibrada.

A “filosofia do dinheiro” (SIMMEL, 2013) trouxe um desequilíbrio para nossa existência, uma vez que, passamos a dedicar muito esforço e tempo de nossas vidas para um elemento que pouco contribui para o desenvolvimento humano. Ao contrário. Colocou-nos em condições desiguais de adquiri-lo e, por outro lado, privou a grande maioria da população do globo do senso de humanidade e reconhecimento enquanto tal.

Diante do exposto, a educação como tragédia deve ser pensada. Devemos refletir e reorganizar nossos encaminhamentos e estímulos no que concerne à educação. Os objetivos devem ser pensados com o fito de superar a condição trágica de ensino e de concepção educativa, reconhecendo a proposta que possa contribuir para a segunda libertação. No entanto, desta vez, podemos esperar que o elemento universalizante seja o humano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conceito de tragédia em Simmel (2005) pode nos ajudar na problematização da educação em vários aspectos e conteúdos, por isso, sua inclusão no aparato pedagógico e crítico se faz pertinente e atual. Na sociedade em que vivemos, onde impera a “filosofia do dinheiro” (SIMMEL, 2013), essa análise ajuda na humanização do processo educativo e no entendimento de que, para além de elementos “universalizáveis” e materiais, as necessidades humanas são variadas e profundas.



A busca pela superação trágica em termos educacionais, nos coloca em uma rota de desconstrução de concepções e práticas que minimizam a importância e complexidade humana. Nos remete a refletirmos sobre uma educação que pense elementos que vão além de conteúdos, como a paternidade, o amor, a beleza, a liberdade, a religião, o lazer, a felicidade, entre tantas outras inerentes ao humano e sua constituição ontológica.

Por fim, a sociologia e a filosofia simmeliana nos aponta um caminho de construção que, longe de qualquer conformismo, nos remete a premissas que podem e devem ser buscadas através de uma educação contrária a educação “massa”. Simmel (1983) nos mostrou que o indivíduo é superior ao social, não por orientar-se baseado nas teorias do liberalismo econômico, mas sim, por reconhecer que nossa humanidade, privilegiada por uma psicologia com especificidades, merece, quando possível, ter seus anseios atendidos.

## REFERÊNCIAS

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

DURKHEIM, Émile. **A Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JAEGER, Werner. **Paideia – a formação do homem grego**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KRASTANOV, Stefan Vasilev. **História da Filosofia Antiga**. Batatais: Claretiano, 2013.

MARX, Karl. A chamada acumulação primitiva. In: MARX, Karl. **O Capital: para a crítica da economia política**. Livro I, V. II, RJ: Civilização Brasileira, 2013.

MENZE, C. Formación. In: SPECK, J. y otros (Eds.). **Conceptos fundamentales de Pedagogía**. Barcelona: Herder, 1981.

PIMENTA, Leticia Pereira. “Vimque omnem humanitatis”: o modelo pedagógico romano. **Revista Direito e Justiça**. V. 40, N. 1, 2014.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **Simmel e a Modernidade**. SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold (Org.). Brasília: Editora UNB, 2005.

\_\_\_\_\_. **Filosofia del Dinero**. Capitán Swing, 2013.

\_\_\_\_\_. **Simmel**. FILHO, Evaristo de Moraes e FERNANDES, Florestan (Org.). São Paulo: Editora Ática, 1983.



\_\_\_\_\_. **Sociología: estúdios sobre las formas de socialización.** Mexico: FCE, 2014.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade.** Brasília: Editora da UNB, 1999.